

Folha de S. Paulo

14/7/1986

Tiros a esmo

São Paulo

As mortes de Leme motivaram um verdadeiro salve-se quem puder entre as forças políticas. Nos esforços de capitalizar — ou neutralizar — o episódio, utilizaram-se todas as inépcias de raciocínio, todas as obscuridades que a circunstância até aqui pode permitir. Assim, a confusão dos acontecimentos proporcionou ao secretário da Segurança, Eduardo Muylaert, oportunidade para aventurar-se numa certeza: "Acredito que se os deputados não estivessem presentes em Leme, nenhuma pessoa teria morrido", saiu num jornal de São Paulo. Em sua trivialidade, o argumento tem tanto significado como dizer que, se a polícia não estivesse lá, ninguém teria sido morto também. Ainda no plano da mera trivialidade lógica, seria mais válido dizer, aliás, que se os policiais não estivessem lá, pelo menos algumas pessoas não teriam sido espancadas barbaramente em suas próprias casas. A falta de provas, é o caso de dizer, lembrando a frase célebre, que o sonho de razão produz seus monstros. Mas houve quem usasse a razão diretamente em proveito próprio. O candidato do PT, por exemplo, antes de comungar na missa pelos mortos, viu na tragédia um motivo para pedir que Montoro colocasse o cargo à disposição. Quêrcia foi no mesmo caminho, sugerindo a Suplicy que, ele sim retirasse a candidatura, já que o caso de Leme a teria abalado definitivamente.

Na multiplicação dos acusados, portanto, todos tentam sair vencendo. Até o deputado Amaral Netto, que ao denominar o episódio de "Freguesia do Leme", encontrou aquilo que os malufistas procuravam há anos — e que por falta de modéstia não souberam reconhecer nos demais episódios de violência policial do governo Montoro, em Guariba por exemplo — : indiretamente, inocentaram-se da truculência própria, apontando a de seus concorrentes.

Perdoado Maluf, outros culpados não faltaram: o da preferência do deputado Airton Soares é a UDR, "que poderia ter mandado preparar esse confronto". A hipótese não deixa nada a dever ao grupo que, de Romeu Tuma a Marco Maciel, agarra-se tese da CUT em favor de ocupação de terras para "vinculá-la" — este o termo, intencionalmente cuidadoso — a qualquer crime que venha a ocorrer num cochilo de classe. Para este grupo, é claro, as mortes vieram a calhar.

Marcelo Coelho

(Primeiro Caderno — Página 2)